



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DAPARAÍBA  
CAMPUS JOÃO PESSOA / PB  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO  
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO 2ª  
LÍNGUA PARA SURDOS NA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

**ANA CARLA SOUSA IMPERIANO**

**OS GÊNEROS TEXTUAIS NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE NOS ANOS INICIAIS  
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**JOÃO PESSOA**

**2019**

**ANA CARLA SOUSA IMPERIANO**

**OS GÊNEROS TEXTUAIS NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE NOS ANOS INICIAIS  
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

TCC-Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus João Pessoa/PB, Polo Duas Estradas, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua para Surdos, sob a orientação do Prof.º Dr. Neilson Alves de Medeiros.

**JOÃO PESSOA**

**2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP  
Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB, *Campus* João Pessoa

I34g

Imperiano, Ana Carla Sousa.

Os Gêneros textuais na educação bilíngue nos anos iniciais do ensino fundamental / Ana Carla Sousa Imperiano. – 2020. 22 f.

Artigo (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos) – Instituto Federal da Paraíba – IFPB / Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação. Diretoria de Educação a Distância.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. Neilson Alves de Medeiros

1. Língua portuguesa. 2. Educação bilíngue. 3. Gêneros textuais. 4. Multimodalidade. 4. Surdos. I. Título.

CDU 811.134.3:376

Bibliotecária responsável Ivanise Andrade Melo de Almeida – CRB15/96

ANA CARLA SOUSA IMPERIANO

**OS GÊNEROS TEXTUAIS NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE NOS ANOS INICIAIS  
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos, do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias da Paraíba Campus Duas Estradas - PB, como requisito de avaliação para obtenção do título de especialista em Ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos.

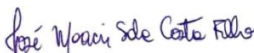
**Aprovado em: 03/12/2020**

**Banca Examinadora:**



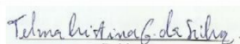
---

Prof. Dr. Neilson Alves de Medeiros  
(IFPB/UAB – Orientador)



---

Prof. Dr. José Moacir Soares da Costa Filho  
(IFPB/EaD/UAB - Examinador 1)



---

Profa. Dr<sup>a</sup> Telma Cristina Gomes da Silva  
(UAB/EaD/IFPB - Examinadora 2)

# OS GÊNEROS TEXTUAIS NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ana Carla Sousa Imperiano <sup>1</sup>

Neilson Alves de Medeiros<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho objetiva compreender o funcionamento dos gêneros textuais nas propostas pedagógicas voltadas para alunos surdos. Além de identificar como esses gêneros contribuem para a aquisição da Língua escrita para alunos surdos, relacionando o ensino de gêneros com a ideia de multimodalidade no ensino da Língua Portuguesa para os mesmos. De que modo os alunos surdos adquirem a língua materna em escolas de alunos ouvintes? Que estratégias de ensino essas escolas utilizam? Na perspectiva de responder a essas questões utilizamos a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Como base teórica para nos auxiliar na pesquisa, trouxemos alguns autores que falam direto/indiretamente desse assunto. Dentre eles podemos citar Santana (2007) que vem falar em sua obra da surdez e da linguagem. Neves (2013) que em sua pesquisa fala dos gêneros textuais no ensino de Língua Portuguesa para surdos como uma proposta para a educação bilíngue, Ávila-Nóbrega (2020) que traz em seus escritos estudos sobre uma Perspectiva Multimodal da Aquisição da Linguagem, dentre outros. Além das diretrizes que embasam os direitos dos alunos surdos. Os resultados de nossa pesquisa apontam que todos têm direito à educação inclusive os alunos que apresentam alguma necessidade especial. Todas as escolas, tanto pública como particular, têm por obrigação atender a esses alunos, incluindo-os no meio acadêmico sem nenhum tipo de preconceito, já que seu ingresso em escolas de alunos ouvintes se torna cada vez mais frequente.

**Palavras-chaves:** Gêneros, Multimodalidade, Libras, Bilíngue.

**Abstract:** This work aims to understand the functioning of textual genres in pedagogical proposals aimed at deaf students. In addition, to identify how these genres contribute to the acquisition of the written Portuguese language for deaf students, relating the teaching of genres with the idea of multimodality in the teaching of the Portuguese language for them. How do deaf students acquire the acquisition of their mother tongue in schools of hearing students? What teaching strategies do these schools use? In order to answer these questions we use qualitative bibliographic research. As a theoretical basis to assist us in research, we have brought some authors who speak directly / indirectly about this subject. Among them we can mention Santana, (2007) who comes to speak in his work of deafness and language. Neves, (2013) who in his research speaks of textual genres in Portuguese language teaching for the deaf as a proposal for bilingual education, Ávila-Nóbrega, (2020) who brings in his writings studies on a Multimodal Perspective of Language Acquisition, among others. In addition to the guidelines that support the rights of deaf students. The results of our research show that everyone has the right to education, including students who have a special need. All schools, both public and private, have an obligation to serve these students by including them in the academic environment without any prejudice, as their entry into schools of hearing students becomes more and more frequent.

**Keywords:** Genres, Multimodality, Pounds, Bilingual.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba com conclusão no ano de 2015.

<sup>2</sup> Professor no Curso de Licenciatura em Letras do IFPB, campus João Pessoa. Tem doutorado e mestrado em Linguística pela UFPB. Graduado em Letras - Língua Portuguesa pela UFPB.

## 1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica que tem por principal objetivo compreender o funcionamento dos gêneros textuais nas propostas pedagógicas voltadas para alunos surdos e, assim, poder identificar como esses gêneros contribuem para a aquisição da língua escrita para esse público, relacionando o ensino de gêneros com a ideia de multimodalidade no ensino da Língua Portuguesa para surdos. Também pretende entender como acontece a inclusão desses alunos em sala de aula de ouvintes, observando a metodologia utilizada para tais especificidades.

Há como trabalhar com gêneros textuais na aquisição da língua escrita como segunda língua para surdos? De acordo com o pensamento de Neves (2013) sim, pois, a autora: “*gêneros textuais no ensino de Língua Portuguesa aos surdos[...] possibilita novos olhares para a educação dos surdos*”. Diante do pensamento da autora, podemos perceber que se faz necessário formar sujeitos capazes de refletir sobre a língua(gem), sabendo que o uso dela se efetiva nas relações sociais, em contextos reais, todavia há a necessidade de trazer para a sala de aula discussões acerca dos gêneros textuais. Propondo, assim, uma educação bilíngue que permita ao aluno surdo inserido no contexto ouvinte o acesso a uma formação íntegra no que diz respeito à língua e a um ensino que não fique restrito às normas gramaticais, mas que o capacite para o exercício pleno de sua segunda língua.

Como bem sabemos, os gêneros textuais são responsáveis por uma importante função social no que se refere à comunicação, pois, são estruturas textuais peculiares que podem ser apresentados de diversas formas, sejam elas verbais ou não verbais, tais como: narrativo, descritivo, dissertativo-argumentativo, expositivo e injuntivo. Podemos destacar também os gêneros multimodais, que são de grande importância no processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos, os mesmos facilitam a comunicação não verbal já que os surdos tendem a aprender mais por meio da visão. Nesse sentido, ganha destaque o papel da gestualidade, por exemplo, que é considerado um tipo de comunicação não verbal/multimodalidade. Sobre essa linguagem, vejamos o que diz Nóbrega:

Durante muitos anos de estudos sobre a linguagem humana, a linguística, teve como foco os aspectos verbais das línguas faladas[...] gestos movimentos corporais meneios da cabeça, movimentos das mãos, expressões faciais, movimentos das pernas, das sobrelhas, dos lábios não foram focos de análises como parte de um sistema linguístico, mas como uso secundário da linguagem. (NÓBREGA, 2020 no prelo).

Diante disto, para Ávila-Nóbrega, a gestualidade só começa a ser questão de interesse depois do período histórico da Segunda Guerra Mundial. Entretanto, vale ressaltar que isso não significa que antes desse período não houvesse interessados nesses estudos, ou até mesmo trabalhos voltados para esse tema. Muito embora os gestos viessem ganhando espaço no campo científico durante décadas, o mesmo era visto apenas como secundário da língua não verbal. Somente no início do século XX foi que algumas esferas científicas manifestaram seu interesse em compreender os sentidos dos movimentos gestuais. “Os gestos eram vistos como acessórios da fala. Ou seja, o falante poderia escolher usar ou não algum tipo de gesto em sua comunicação, ou o usaria como auxiliar de comunicação” (NÓBREGA, 2020 no prelo).

A minoria linguística que vive em contextos sociais em interações com maioria de indivíduos ouvintes são aqueles surdos usuários de línguas de sinais, de natureza visuoespacial. Estudiosos do bilinguismo na educação de surdos como Santana (2007), Neves (2013), dentre outros, defendem que os indivíduos surdos, para poderem interagir na sociedade de ouvintes com autonomia, devem adquirir as duas línguas: a Língua Brasileira de Sinais, no caso dos Brasileiros (LIBRAS), como sua língua materna (L1) e o Português, na modalidade escrita como segunda língua (L2).

Infelizmente, isso ainda é uma das maiores dificuldades encontradas em nossas escolas brasileiras, pois existem inúmeros obstáculos que não permitem que esses alunos surdos obtenham o conhecimento dominante das duas línguas. Alguns, por não terem oportunidade, outros pela escola que frequentam não ser escola bilíngue. As escolas convencionais, nos últimos anos, vêm trabalhando bastante na questão da inclusão de alunos surdos em escolas de ouvintes. Os governos federal, estadual e os municípios, vêm inovando com propostas voltadas para esses alunos na intenção de lhes incluírem na sociedade de ouvinte sem que haja nenhum preconceito e os forme para viverem em sociedade com diversas oportunidades incluindo sua independência financeira.

No entanto, mesmo com todas as mudanças e ideias, sabemos que não é fácil cumprir determinadas metas estabelecidas pelo governo ou até mesmo pela sociedade, que

tanto tem cobrado no dia a dia do profissional de educação, como, por exemplo, tornar alunos surdos em alunos bilíngues. Há iniciativas sim, mas nem sempre com êxito. Apesar de já termos tido um grande avanço com relação a essa temática, ainda há limitações desses profissionais, que por sua vez não possuem uma formação que abrace por completo todas as necessidades que os alunos surdos enfrentam ao frequentarem uma escola onde a maioria dos educandos são ouvintes. Querendo ou não, ainda há uma certa exclusão por parte das escolas no que se refere ao aluno surdo, pois as mesmas não possuem intérprete em sala de aula, o que possibilitaria o melhor entendimento do que está acontecendo no meio que esse aluno frequenta. Vale salientar, que não basta só ter intérprete, é preciso que o mesmo atue diariamente junto com o professor. O ideal seria que este profissional fosse bilíngue, mas, como a maioria dos professores não possui essa formação, se faz necessário que esteja sempre inovando e dinamizando sua metodologia.

Todavia, para que o surdo possa acompanhar as aulas com intérprete, é preciso que ele já tenha um certo conhecimento de sua língua materna desde a infância. O que muitas vezes não acontece, até mesmo em razão dos próprios pais não aceitarem que sua criança possua uma deficiência/limitação, deixando assim de procurar o profissional certo para que se inicie o processo de interação no tempo adequado. Com isso, a criança só passa a frequentar a escola depois de uma certa idade, o que se torna mais difícil para esse indivíduo adquirir o conhecimento adequado no tempo certo. Tanto é difícil para o aluno, que irá se sentir excluído da sociedade, como para os professores, que terão que procurar propostas de ensino que atendam aos dois públicos, tanto o aluno ouvinte quanto o surdo, e isso não é fácil. Quem trabalha com educação sabe perfeitamente das dificuldades enfrentadas pelos profissionais que atuam em sala de aula e se deparam com essa realidade.

Atualmente, não só no Brasil, mas no mundo inteiro, fala-se em inclusão do surdo nas escolas públicas e particulares de ensino regular. Isso é uma realidade que vivenciamos todos os dias e que vem cada vez mais melhorando e se tornando mais comum. Porém, são poucas as escolas que atendem perfeitamente a esse requisito, pois a formação dada aos professores que acolhem esse público não é suficiente para atender a todas as suas necessidades. Por esse motivo, podemos dizer que tal formação não é suficiente porque não se aprende LIBRAS em uma formação de cinco dias, ou de três meses. O aprendizado é longo e complexo, o professor deveria dominar perfeitamente as duas línguas para que, assim, pudesse interagir e repassar para seus alunos, tanto ouvintes quanto surdos, os conhecimentos acadêmicos e sociais.



Neste sentido, justifica-se essa pesquisa, pela necessidade de discutirmos sobre o ensino da língua portuguesa para surdos, com foco na perspectiva dos gêneros textuais, uma vez que são essas unidades da língua que evidenciam tanto o uso quanto o reconhecimento de certos padrões linguístico-discursivos. Além disso, compreendemos que esse ponto de vista dos gêneros amplia o olhar para a língua, considerando aspectos que vão além da palavra escrita, como a imagem, o gesto, o vídeo, o layout dentre outros. Uma grande oportunidade de ampliar as possibilidades de uso da linguagem é justamente desenvolver um ensino do português escrito para surdos com gêneros textuais. Assim, a escrita passa a ter uma representação na língua portuguesa, na medida em que é conduzida por uma língua que possua significação. A multimodalidade é considerada um meio de comunicação não verbal, por isso, a mesma contribui para processo de aquisição da Língua Portuguesa escrita para os alunos surdos, colaborando ainda na interação dos mesmos com os alunos ouvintes.

## 2 - METODOLOGIA

Como metodologia de pesquisa utilizamos em nosso trabalho a pesquisa bibliográfica, que se volta ao estudo da contribuição de outros autores sobre um determinado tema. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, já que essa é uma metodologia de pesquisa menos estruturada, usada para obter informações aprofundadas sobre a motivação e o raciocínio dos estudiosos. Como Severino (2007) afirma:

A pesquisa bibliográfica dá suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção da fundamentação, da justificativa, da introdução. (SEVERINO, 2007, p. 181).

Diante disto, podemos perceber a grande importância que tem a pesquisa bibliográfica para uma produção de texto, já que não há trabalho sem pesquisa. Logo, para nosso texto, a coleta de informação se deu a partir de fontes advindas das revisões de literaturas de autores que discutem sobre o assunto como gêneros, textos, bilinguismo e outros.

Para darmos início à nossa pesquisa, selecionamos algumas bibliografias que foram utilizadas nesse trabalho, fazendo uma pesquisa na internet, em sites especializados,

e também nas aulas que foram ministradas no decorrer do curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos, durante as aulas anteriores de algumas disciplinas que falam sobre o assunto de gêneros. Em seguida analisamos os textos e demos início à nossa construção a partir dos textos analisados, os quais serviram para fundamentar nossos escritos.

### 3 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### **3.1 Educação Bilíngue**

A abordagem do bilinguismo na surdez surgiu na década de 1980. Alguns autores como Santana (2011), Neves (2013) dentre outros, defendem que a fundamentação dessa abordagem é o acesso da criança, o mais precocemente possível à língua de sinais e à linguagem oral. No entanto, ambas não devem ser assimiladas simultaneamente, dada a diferença estrutural entre elas, pois, para que o surdo aprenda a Língua Portuguesa escrita, antes ele deve saber ou ter uma grande noção da LIBRAS, e já fazer uso da mesma.

A história da educação dos surdos foi extensa e sofrida até que fosse reconhecida e aprovada por leis que asseguram a inclusão desses sujeitos, especialmente no ambiente escolar. A inserção de surdos no ensino regular os torna capazes de interagir e aprender em uma sala de aula.

No Brasil, foi promulgada a Lei Nº10. 436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio de comunicação e também como expressão dessa comunidade surda, regulamentada pelo Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

Uma nova história começou a ser escrita pela comunidade surda a partir dessa lei, pois desde então os surdos estão conquistando mais direitos de expressão em sua língua materna. Nesse cenário, a educação exerce um papel fundamental no que diz respeito ao comprometimento de proporcionar a todos os cidadãos acesso ao conhecimento e à

capacidade de desenvolvimento de suas competências e, porque não dizer, de aquisição de duas línguas.

Para que o ensino no contexto escolar contribua com o processo de aprendizagem do aluno, a escola deve organizar os conteúdos curriculares para que possa contribuir com a formação desses sujeitos enquanto agentes sociais, assim como também protagonistas de sua própria história.

O surdo pode encontrar dificuldades nas interações sociais e na aprendizagem, as quais tornam-se difíceis não pela surdez, e sim pela falta de língua comum entre locutor e interlocutor. Nesse sentido, o indivíduo surdo necessita ser participante de sua cultura para ter a possibilidade de construir sua subjetividade e deverá ter interações interpessoais propícias, eficazes e produtivas, as quais proporcionem a ampliação de seus conhecimentos.

Já no processo de aquisição da linguagem escrita, uma das dificuldades enfrentadas pelos surdos é a visão equivocada de sua identidade, sendo eles vistos como deficientes com poucas possibilidades de pertencerem a um grupo social. Tal preconceito reforça a ideia de que o surdo é impossibilitado de participar das interações por meio de uma língua.

Nessa perspectiva, o termo bilíngue surge para simplificar o nome dado às pessoas que dominam ou conhecem mais de uma língua. “O bilinguismo é o uso de mais de uma língua, dentro de uma mesma comunidade linguística ou pela mesma pessoa. Assim, o bilinguismo pode ser social ou individual” (McCLEARY, 2009).

O denominado bilinguismo social pode ser definido como sendo o uso de mais de uma língua dentro de uma mesma comunidade linguística, ainda que poucos dessa comunidade fale as duas línguas. Já o bilinguismo individual é marcado pelo fato de uma única pessoa poder falar/se comunicar por mais de uma língua. No entanto, de acordo com McCleary (2009), para constituir-se como bilíngue, o indivíduo não precisa necessariamente falar fluentemente duas ou mais línguas, o simples fato de uma pessoa se comunicar, mesmo que minimamente, já o torna uma pessoa bilíngue.

Na educação bilíngue, a metodologia que os surdos defendem consiste em duas línguas no contexto escolar, tendo como primeira língua a língua de sinais (LIBRAS), como língua natural do surdo, e a Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita.

O Bilinguismo permite que o Surdo possa existir na diferença. Com uma língua visual que atende suas necessidades, ele deixa de ser deficiente em relação aos aspectos e às limitações ocasionadas pela falta de uma língua compartilhada. A Língua de Sinais possibilita que ele estabeleça relações de pensamento equivalentes, no que tange a abrangência a complexidade. (MOURA e VIEIRA, 2011).

No contexto de aprendizagem, um dos desafios da educação especial diz respeito ao processo de formação dos professores, pois esse tipo de preparação de docentes bilíngues facilitaria o processo de ensino e aprendizagem, diminuindo o distanciamento entre inclusão na lei para a inclusão de fato. No entanto, para que isso aconteça, é necessária uma formação efetiva, com comprometimento.

(...) a formação docente não pode restringir-se a participação em cursos eventuais, mas sim, precisa abranger necessariamente programas de capacitação, supervisão e avaliação que sejam realizados de forma integrada e permanente, a formação implica um processo contínuo. (SANT'ANA, 2012, p. 235).

Assim, o professor precisa estar sempre buscando uma formação que o leve a refletir sobre a sua prática, entendendo seu papel em relação ao processo de inclusão para que possa aprimorar seus conhecimentos fazendo mudanças significativas em suas práticas.

Visando aprimorar a continuidade do processo ensino e aprendizagem, seria muito evolutivo se todos os alunos surdos antes de ingressarem na escola pela primeira vez já tivessem contato com a língua de sinais. Infelizmente muitos pais são leigos a respeito da aquisição da LIBRAS. E talvez por super proteção não conseguem ou não querem colocar seus filhos com necessidade especial em um ambiente desconhecido, com pessoas diferentes de seu convívio no dia a dia, como a escola. Tal realidade, entretanto, vem mudando, uma vez que a constituição de grupos sociais formados por surdos tem favorecido a aquisição da LIBRAS cada vez mais.

### **3.2 Uma Perspectiva Multimodal na Aquisição da Linguagem**

Antes de tratarmos dos gêneros textuais, devemos abordar a multimodalidade, considerando que todas as línguas se baseiam nessas multiplicidades de códigos.

A multimodalidade consiste na existência de duas ou mais modalidades de comunicação, envolvendo comumente a fala, gestos, textos, processamento de imagem, dentre outras. Nesse tipo de texto, leitura e escrita se elaboram ao mesmo tempo, numa mesma situação e num mesmo suporte, ou seja, no momento em que o indivíduo aprende a ler respectivamente aprende a escrever também.

A premissa fundamental da multimodalidade é de que o sentido é produzido, distribuído, recebido, interpretado e reconstruído não apenas pela língua falada ou escrita, mas por vários modos representacionais e comunicativos. [...], nesse contexto, ‘modo’ se refere ao conjunto organizado de recursos para a produção de sentido, incluindo imagem, olhar, gesto, movimento, música, fala e efeitos sonoros. (FIGUEIREDO e GUARINELLO, 2013).

Em meados dos anos de 1980 e 1990, estudos sobre gestos começaram a ser considerados e usados para pontuar uma palavra. Logo, esses gestos foram tidos como principal destaque da voz. Nesse sentido, todos os movimentos que se fazia com o corpo, com as mãos e as expressões faciais serviriam para acentuar um discurso.

O corpo em vez das mãos, foi utilizado em alguns casos para pontuar algum ponto da fala. O alargamento das pálpebras do orador, por exemplo, ocorria simultaneamente ao serem utilizados adjetivados de ênfase no fluxo de fala (ÁVILA-NOBREGA, 2018. In NÓBREGA, 2020 no prelo).

Diante disso, podemos perceber a importância dos gestos para as pessoas surdas. E como a multimodalidade contribui para a sua socialização, pois, uma imagem muitas vezes fala mais do que palavras. Porém, podemos considerar que a própria linguagem humana em si seja uma linguagem multimodal, pois fazemos uso simultâneo de vários modos nas interações sociais. Podemos dizer que a construção textual incide da conexão das diversas formas da linguagem, a verbal (escrita e oral) e a não verbal (visual). Isso transcende a aspecto de texto calcada na hegemonia da modalidade escrita da linguagem. Hoje, o texto é considerado como algo multimodal.

Nóbrega (2020 no prelo) afirma que após anos separando e isolando os sinais gestuais, como expressões gestuais, mãos, corpo e outros, os estudiosos perceberam que esses elementos em um treino conjunto funcionariam. Podemos dizer que um texto multimodal quando apresentado nunca é somente verbal, pois ele traz consigo a

combinação das expressões faciais, dos gestos, da postura corporal, além de outros modos de interação, o que lhe torna também visual nessa perspectiva.

Esse autor nos deixa a crer ainda em sua pesquisa que a semiótica e outras ciências como a Aquisição da Linguagem deram um estatuto linguístico para os componentes da gestualidade. No que se refere à criança autista, Lopes (2011) apud Nóbrega (2020 no prelo), nos traz uma contribuição ao afirmar que: “uma concepção de língua enquanto multimodalidade favorece a inserção da criança autista na linguagem”.

Diante disso, podemos perceber que a constituição da linguagem humana na atualidade não é concebida apenas por seus aspectos verbais como se acreditava por muito tempo. A linguagem humana é com certeza multimodal por fazermos uso simultâneo de diversos modos nas interações sociais. Todas as pessoas portadoras de alguma dificuldade linguística, algum tipo de distúrbio também são usuárias da multimodalidade e não só os surdos, afinal, cada especificidade terá seus modos da linguagem caracterizando a sua língua, não obrigatoriamente necessita ser a língua de sinais – LIBRAS.

Do ponto de vista da aquisição da Língua Portuguesa escrita, devemos ter em vista que o surdo entrará em contato com gêneros diversos, como: tirinhas, propaganda, enfim... Textos ilustrados ou não, com combinações diversas de linguagens que acompanham a escrita. Nesse sentido, recursos como as imagens, os gráficos, as cores e as imagens em movimento servem como acesso do surdo às diferentes práticas de letramento dos textos em português.

### **3.3 Gêneros textuais e aquisição da língua portuguesa escrita para surdos**

As atividades educativas que podem possibilitar ao estudante surdo a apropriação e o avanço da língua portuguesa na modalidade escrita deve fazer uso do texto como ponto de partida, utilizando dos diversos gêneros textuais (escritos e visuais). Entende-se que essa prática garante aos alunos a compreensão de que os gêneros são responsáveis pelas mais variadas atividades sociocomunicativas realizadas no seu dia a dia. Nesse sentido, um primeiro passo a ser dado deve ser a compreensão do que é gênero textual. Vejamos o que comentam Pires e Campos:

Usamos a expressão “gênero textual” como uma noção propositalmente vaga para nos referir nos textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. (MARCUSCHI 2003, p. 23 apud PIRES e CAMPOS 2002).

Ao utilizarmos a escrita, estamos lançando mão das práticas sociais em que circulam os diversos gêneros textuais. Dessa forma, em cada contexto de interação se utilizam gêneros textuais diferentes e apelam para modos de usá-los. Logo, qualquer cidadão que faz uso da leitura e da escrita no seu cotidiano se alinha minimamente a uma série de roteiros ligados aos gêneros: não se escreve um recado no celular da mesma forma que se produz uma carta de intenção para um processo seletivo. Isso significa que ao tratarmos da escrita, não estamos lidando apenas com o registro de frases na folha em branco, mas sim com uma série de práticas sociais, que demandam conhecimento dos gêneros textuais.

Os surdos aprendem a realidade principalmente por meio da visão, por esse motivo a língua de sinais é considerada sua primeira língua, ou seja, sua língua materna. E para que esses indivíduos se apropriem da língua portuguesa escrita, se faz necessário que seja trabalhada de forma dinâmica e situada, de modo que os indivíduos surdos tenham acesso às duas línguas ao mesmo tempo. Esse método ocorre justamente quando se trabalha com os gêneros multimodais. Sobre a importância dos gêneros, vejamos o que dizem os PCN:

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs) [...], o conceito de gêneros impera como um organizador de currículo, estruturando o funcionamento da linguagem oral, escrita e de literatura nas várias esferas de circulação. [...] “o conceito de gênero é, nesse documento particular, eleito como conceito-chave para a operacionalização do ensino de português”, na busca de problematizar práticas do ensino tradicional. (CAMPOS, vol. 11 2016).

É a partir de uma problematização que se constroem meios e melhorias para a obtenção de êxitos no que se quer alcançar. E quando se trata de ensino e aprendizagem não se deve estacionar se mantendo sempre na mesmice. É preciso estar continuamente em buscar de melhorias e acompanhar as mudanças que ocorrem com o passar do tempo.

E como podemos observar, houve grandes avanços no que se refere ao ensino da LIBRAS e do português escrito para surdos nos últimos anos. O que passou a ser algo desafiador para os profissionais da Educação.

De acordo com o Decreto Federal nº 5.626/2005 que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, a Libras passa a ser obrigatória como disciplina curricular nos cursos de formação para professores e, conseqüentemente, passa a ser estudada e praticada pelo surdo como primeira língua e o português escrito como sua segunda língua.

Os gêneros textuais têm uma importante função social quando o assunto é interação. Além de permitir o engajamento entre diferentes interlocutores, com identidades culturais próprias, o ensino da língua na perspectiva dos gêneros tem a vantagem de propiciar ao surdo o contato com a escrita através de textos multimodais, já que esse tipo de texto traz a escrita, oral e audiovisual.

Como bem sabemos, hoje em dia as tecnologias facilitam muito a forma de como as pessoas se comunicam, e nesse meio os surdos não ficam de fora, pois no decorrer dos anos houve um grande avanço no que se refere a tecnologias para surdos, com o desenvolvimento de aparelhos e aplicativos que facilitam o aprendizado intelectual do aluno surdo. Muitos deles conseguem se comunicar com os ouvintes e até mesmo com outros surdos através das redes sociais, cuja natureza permite criar textos multimodais, encaminhar e compartilhar mídias, que se valem do verbal combinado ao não verbal. O mundo globalizado em que vivemos hoje vem cada vez mais se desenvolvendo, principalmente no que se refere à tecnologia, seja para qual for a função. O surdo de hoje tem cada vez mais espaço, uma vez que o isolamento ao qual foi forçado por muitos anos enfraqueceu com as políticas públicas e a consolidação da cultura surda. Na atualidade, os surdos têm vez e “voz”, mas ainda cumpre destacar o desafio da aquisição da língua escrita, em meio a um quadro de docentes sem formação suficiente para esse público, além dos materiais didáticos excludentes.

Para que o surdo possa compreender o que está escrito em um texto multimodal se faz necessário que ele já tenha um certo conhecimento social. Nascimento e Vasconcelos (2020, no prelo) afirmam que “A leitura é um ato social e cognitivo em que se busca a construção de sentidos”. As autoras trazem ainda em seu texto que durante muito tempo, no contexto escolar, a leitura foi tratada como uma atividade passiva de captação das ideias do autor. Nessa perspectiva, para que houvesse a compreensão de dado texto, bastava envolver aquilo que o autor quis passar em seus escritos, como se o texto expressasse uma representação do pensamento de seu autor, passando assim a ideia de ser



o senhor absoluto de suas ações e de seu dizer.

Alguns exemplos de textos multimodais favoráveis ao ensino aprendizagem do aluno surdo são: Charge, um tipo de gênero textual que faz críticas aos temas de interesse público com a finalidade de ilustrar por meio da linguagem satírica certos acontecimentos que despertam o interesse do público que o lê. Vejamos como exemplo a imagem a seguir:



Esses textos são mais usados em jornais e revistas e em alguns casos em cartazes, quando o interesse é chamar atenção da sociedade. Tais textos soam com humor e ironia, na linguagem verbal e não verbal. Outro tipo de gênero textual que também auxilia na construção do sentido pelo surdo é a tirinha. Exemplo:



A tirinha é um texto ilustrativo que se apresenta em uma sequência de quadrinhos bem semelhante às histórias em quadrinhos, porém bem menor e que geralmente faz uma crítica aos valores sociais. Podemos citar ainda como exemplo de textos multimodais voltados para a leitura dos surdos os anúncios publicitários e capas de livros que seguem

na mesma perspectiva das tirinhas e das charges.



Os exemplos acima indicam que o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para os surdos não deve se limitar à escrita da palavra somente. Além da necessidade de contextualização, o uso dos gêneros demanda um olhar mais amplo, que mobilizam o uso da língua, os padrões pertinentes aos gêneros trabalhados, os participantes da interação e os objetivos pretendidos. Com esse panorama, tem-se um ensino pautado no uso da língua, e não na memorização/reprodução de frases soltas.

Nesse trabalho, defendemos o ensino através dos gêneros porque partimos do pressuposto de que a aquisição ocorre em meio à interação social. Com isso, o aluno surdo deve ser capaz de vislumbrar a escrita da Língua Portuguesa a partir de textos reais e significativos, preferencialmente aqueles que apresentam aspectos multimodais mais evidentes.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto acima, podemos perceber a grande importância de se trabalhar com gêneros textuais na educação bilíngue para pessoas surdas, principalmente quando se trata de textos multimodais. Já que a multimodalidade proporciona aos surdos a oportunidade de ler textos através de imagens concomitante à Língua Portuguesa escrita. Por a visão ser o meio mais utilizados pelos surdos para a aquisição da língua, a LIBRAS é considerada sua primeira língua, ou seja, sua língua materna.

Com os avanços dados na educação de surdos nos últimos anos, podemos perceber que houve um leque de oportunidades para que eles pudessem ingressar em uma escola regular de ensino, sem que fossem excluídos da sociedade de ouvintes. Os governantes estão cada vez mais conscientes de que devem investir em políticas públicas voltadas para educação bilíngue de pessoas surdas. E com essas novas oportunidades que são oferecidas a essas pessoas de poderem aprender sua língua materna, a Língua de sinais (LIBRAS) L1 e a Língua Portuguesa escrita como L2 ao mesmo tempo, é necessário que os profissionais da educação também estejam abertos ao novo e cobrem dos governantes que estão no poder, as condições necessárias para sua atualização nesses espaços escolares.

Já é perceptível que os estados e os municípios estão começando a abrir os olhos para essa temática investindo em formação de docentes bilíngues, mas ainda não é o suficiente, pois a formação oferecida aos educadores não atende por completo às necessidades dos alunos surdos. Não basta apenas que o professor seja bilíngue, é preciso que o mesmo domine as duas línguas de maneira fluente, de modo que não tenha nenhuma dificuldade de interagir com o aluno surdo, que já detém o conhecimento de sua língua materna mesmo que mínima, e também para os que ainda não tem nenhum conhecimento de ambas as línguas.

Diante de algumas leituras feitas em artigos, livros e internet de pesquisadores estudiosos da educação bilíngue como Santana (2007), percebemos que, além da formação dos docentes em educação bilíngue, se faz necessária a criação de escolas bilíngues para que os alunos portadores de deficiência visual pudessem ingressar nesse tipo de espaço desde a infância pois, assim, eles não se sentiriam diferentes nem tampouco excluídos dos demais, já que os mesmos teriam a mesma deficiência/dificuldade, facilitando assim a interação e a comunicação.

Mesmo com todas as dificuldades encontradas no dia a dia, é perceptível que o mundo globalizado em que vivemos vem inovando em novas tecnologias voltadas para o ensino aprendizagem de alunos surdos, com equipamentos, métodos e aplicativos de multimídias, facilitando assim, a metodologia utilizada pelos professores em sala de aula que se deparam com essa realidade.

Esses indivíduos passaram a ser vistos e inclusos na sociedade de ouvintes e seus direitos de cidadão lhes foram atribuídos. Existem leis que asseguram seus direitos de se inserirem nas escolas regulares de ensino, seja ela pública ou privada. Essas escolas têm por obrigação acolherem esses alunos e lhes oferecerem meios de inclusão tanto físico

quanto social. As escolas em geral devem adequar seu currículo de modo que venham a atender a todos os alunos em suas especificidades individuais, como trazem os PCNs Educacional.

Como já foi ressaltado anteriormente, é de fundamental importância que os profissionais da educação que atuam em escolas que atendem alunos surdos possuam uma formação acadêmica, que venha a atender mesmo que minimamente as especificidades do aluno surdo. O educador tem que estar preparado metodologicamente para poder lidar com as dificuldades diárias que essa nova realidade vem apresentar.

O ensino da LIBRAS passou a ser cobrado na formação de professores, por se tornar indispensável desde a educação infantil ao ensino superior. Porém, isso não quer dizer que todos os professores dominam a LIBRAS, mas devem ter uma pequena noção da mesma já que podem se deparar ao chegarem à sala de aula com pessoas surdas que usufruem de seu direito de inclusão perante a sociedade ouvinte.

## 5 – REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 22 de dezembro de 2005, s/p. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)> Acesso em: 28/09/2020.

ÁVILA-NÓBREGA, Paulo Vinicius. **Aula 5- Estudos sobre uma Perspectiva Multimodal da Aquisição da Linguagem**, João Pessoa: IFPB, 2020. (no prelo).

BRASIL. Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, D.F., 25 abr. 2002. p. 23. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm)>. Acesso em: 17/10/2020

CAMPOS, Maria Inês Batista. **Bakhtin e o Ensino de Língua Materna no Brasil: algumas perspectivas**. Volume 11, nº 16/2016.

COUTO, Tatiane Flávia do. **Os desafios da escola pública Paranaense na perspectiva**

**do professor PDE artigos.** Secretaria de Educação do Paraná, 2016.

FERRAZ, Janaina de Aquino. **A Multimodalidade no Ensino de Português como Segunda Língua:** novas perspectivas discursivas críticas. Universidade de Brasília -UnB. Instituto de Letras – IL. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP. Brasília - DF 2011.

FIGUEIREDO, Luciana Cabral e GUARINELLO, Ana Cristina. **Literatura infantil e a multimodalidade no contexto de surdez:** uma proposta de atuação. Revista Educação Especial /vol.26/nº45/pag. 165-193/ jan/abril. 2013.

GÓES, Maria Cecília Rafel de. Linguagem, surdez e educação. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/as-tecnologias-educacao-alunos-surdos.htm#indice> 10. Acesso em 01/10/2020.

McCLEARY, Leland. **Sociolinguística.** Texto-Base-Disciplina Sociolinguística do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância Florianópolis: UFSC/Centro de Comunicação expressão, 2009.

MOURA, D. R., & Vieira, C. R. (março de 2011). **A atual proposta bilíngue para educação de surdos em prol de uma educação inclusiva.** Pandora Brasil.

NASCIMENTO, Graça e VASCONCELOS, Marcela. **Ensino de leitura em língua portuguesa como L2 para surdos,** João Pessoa: / IFPB,2020. (no prelo)

NEVES, Bruna Crescêncio. **Gêneros Textuais no Ensino de Língua Portuguesa a surdos: Proposta para uma educação bilíngue.** Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras UFGD – Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

PIRES, Ludmila correia e CAMPOS, Lucas Santos. **O uso dos gêneros textuais no desenvolvimento didático de ensino – Aprendizagem do português escrito para alunos surdos.** Rio de Janeiro, 2012.

SANT'ANA, I.M, **Educação inclusiva: concepções de professores e diretores.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 2, p. 227-234, 2005.

SANTANA, Ana Paula. **Surdos e Linguagem:** Aspectos e implicações neurolinguísticas/  
Ana Paula Santana – São Paulo: Plexus, 2007.

[SEVERINO, Antônio Joaquim. \*\*Metodologia do Trabalho Científico.\*\* 23 ed. São Paulo:  
Cortez, 2007.](#)